





Humanismo na era da expansão mercantil: Comércio, Conversão e Conquista

1. A produção de conhecimento e o governo dos povos

1.1. Inventários das populações e descrições geográficas

1.2. Tradutores e apropriação cultural: intérpretes e dispositivos de memória

1.3. A transmissão e circulação dos saberes: suportes e agentes

2. Humanismo a serviço da conversão

2.1. Renascença cristã e pacifismo evangélico: arqueologia e filologia

2.2. Evangelização e conhecimento etnográfico: gramáticas e catecismos

2.3. Jesuítas e as redes de conhecimento: medicina e astronomia

3. A informação como mercadoria

3.1. Comércio literário: práticas de comunicação erudita

3.2. A norma da dádiva e a lógica da mercadoria

Se os gregos conhecessem o latim eles estariam salvos do império ??

Arnaldo Dante Momigliano:

O grego se tornou praticamente compulsório para a sustentação do império romano. Nunca poderemos determinar quanto do sucesso do imperialismo romano está implícito nesse esforço deliberado dos romanos para aprender a se exprimir e pensar em grego. Nem podemos fazer mais do que conjecturar sobre as consequências do desconhecimento do latim por parte dos gregos” p. 25

La lengua sempre fue compañera del Império.
Nebrija, 1492

Joaquim Barradas de Carvalho na USP (1964-1970.) e o debate sobre a especificidade do Renascimento Português.

Literatura ultramarina constitui uma pré-história do pensamento filosófico e científico moderno ??



(...)“as navegações de descobrimento teceram um rede mundial de rotas, pondo em mútua relação todas as civilizações que se tinham desenvolvido ao longo da linha costeira dos oceanos. Nessa rede se integraram não apenas a geografia tradicional da Ásia e monções, mas também todos os espaços continentais que as caravanas haviam construído: pistas transaarianas, rotas ao longo das estepes euro-asiáticas , circulação interior do próximo oriente com a china, da Indochina, da Américas. Esta integração de conhecimentos acumulados por outras civilizações constitui um fator capital do processo de Descobrimientos...**As viagens de descobrimento deram origem a um vasto capital de obras culturais transmissíveis às restantes sociedades e de geração em geração: roteiros, cartas de marear, roteiros náuticos, livros de bordo, crônicas, livros de pesos e medidas, informações sobre mercadorias. P. 70 e71**

Vitorino Magalhães Godinho. In, *A Descoberta do Mundo*, Coletânea do Adalto Novaes

“E quando fossem tão contumazes que não aceitassem esta lei da fé, e negassem a lei da paz que se deve ter entre os homens, para conservação da espécie humana, e obstruíssem o comércio e comutação, (...) em tal caso, lhes pusessem ferro e fogo, e lhes fizessem crua guerra ”

João de Barros *Décadas*, I, 6-11

“a experiência é a madre das cousas, nos desengana e de toda a dúvida nos tira” prólogo do *Esmeraldo de Situ Orbis* (1505)

Duarte Pacheco Pereira:

Zurara: ‘vontade de saber a terra que ia além das ilhas canárias e de um cabo que se chama Borjador, porque até aquele tempo nem por escritura nem por memória de nenhuns homens nunca foi sabido determinantemente a qualidade da terra que ia além do dito cabo’ .

Gomes Eanes Zurara. *Crônica dos feitos da Guiné* (1455), cap VII..



Como o vice rei se viu com o el rei de Cochin em um auto solene, em que lhe entregou certas cousas; e como, acabada a carga das naus, as expediu para o reino.

“Postos ambos no lugar de seus assentos e a gente em ordem e silencio, começou o Vice Rei em voz entoada propor um discurso das cousas passadas, depois que o Almirante Vasco da Gama descobriu a Índia, e que atenção principal que el Rei Dom Manuel, seu senhor, tivera neste descobrimento, fora desejar a comunicação dos reis gentios daquelas partes. Porque, mediante ela e o comércio que é um uso que procedeu das necessidades dos homens e fica em vinculo de amizade para se comunicarem uns com os outros, resultaria desta tal comunicação amor , e este amor daria as orelhas facilmente aos naturais, a que a fé de Jesus Cristo, nosso Redentor, fosse por eles aceita, e se tornasse a renovar no animo dos presentes, como fora recebida por seus antepassados, por a pregação do bem-aventurado São Tomé, seu apóstolo, cuja casa ainda entre os naturais estava havida em veneração , como cousa santa que ela era.”

João de Barros. *Décadas* I, livro IX, capitulo V., pp. 353-4 , primeira edição de 1552/1563)

“Aqui vivo eu entre judeus, que mais se admiram de ainda haver cristãos, que nós de haver ainda judeus. Porém que admiração, se de nós mais nada sabem que a nossa valentia a queimar judeus ! Se em Espanha tanto se despendesse em conservar os cristãos novos, como em exterminá-los, cuida não se refugiariam aqui tantos, todos os dias. Assim se vai ilustrando a França, a Flandres e outras nações com o conhecimento das letras hebraicas, e para melhor inteligência do Antigo Testamento. Na Espanha, porém, onde o estudo das línguas tem pouca vida, por causa da turba-malta dos advogados, além doutras vantagens, haveria a de melhor esclarecer a fé cristã. Se os livros dos judeus são maus, eles próprios os queimarão quando os tiverem convertido à Cristo. Com a pregação dos apóstolos desapareciam os ídolos, nem houve mister que os lançassem à fogueira, mas todo o seu empenho era imbuir na fé cristã os ânimos do povo. A ninguém expulsaram do próprio domicílio. Nós desterramos da Espanha os judeus, com que proveito ? para entregar ao fogo os falsos cristãos e deixar viver em África os restantes. Quanto melhor seria tê-los conservado no estado de servidão, que no estado de liberdade ter queimado tantos ! (...) há ainda uma outra razão para convencer poderosamente o inquisidor mor. Importância quase maior ligam os judeus ao seu Talmude, que aos 24 livros que nós chamamos Velho Testamento, e todo seu empenho está em bem conhecer as questões talmúdicas. E se outra vantagem não houvesse, haveria a de poder o inquisidor manter em sua casa um judeu até conseguir traduzido em vulgar o Talmude, e assim ver com os próprios olhos até onde podia levar as suas funções. E se nos empenhamos em ornar a nossa biblioteca com os livros dos pagãos Platão, Aristóteles e ainda Homero e Luciano. Porque não terão nela lugar as obras controvertidas em doutrina religiosa ? ... Nada abate tanto a mouros e judeus, como dar-lhes em vulgar os seus livros santos...”

Nicolau Clenardo. Carta ao Bispo de S. Tiago de Cabo Verde D. João Petit/ 1540

Questões lingüísticas na expansão

Lopes, David.

Maria Leonor Carvalho Buescu

Thomaz, Luis Filipe

Alencastro, Luiz Felipe de.

Couto, Djanira.

Flores, Jorge.

Santos, Catarina Madeira

Presença africana em Portugal

Fonseca, Jorge

Tinhorão, Jose Ramos

Saunders

Lahon, Didier

Teyssier, Paul

Bibliografia

- Aubin, Jean. [*Le latin et l'astrolabe, Paris, Gulbenkian, 2000.*](#)
- Bataillon, Marcel. *Erasmus y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, Fondo de Cultura, 1950.
- Carvalho, Joaquim Barradas de. *O renascimento português : em busca da sua especificidade*, Lisboa, Casa de Moeda. 1980; [*Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira, Paris, Gulbenkian, 1991.*](#)
- Cidade, Hernani. *A literatura portuguesa e a expansão ultramarinas*, 2 volumes, Coimbra, Armenio Amado Editor, 1963.
- Dias, J.S. da Silva Dias. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Coimbra. 1973/ edição da Presença.
- Godinho, Vitorino Magalhães. *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar (XIII- XVIII)*, Lisboa, Difel, 1990.
- Maravall, José Antônio. *Antiguos y modernos*, Madrid, Alianza, 1986. Capítulo V: “La circunstância del Descubrimiento de América” P. 429-455.
- Mendes, Amado Rosa. “Vida Cultural”, *História de Portugal*, volume III, Estampa, 1993. P.375-421.

-

